

LINHA D'ÁGUA E LITERATURA

Marcia Tomoe Nakamura
UFSC

Em janeiro de 1980, surgiu no contexto das discussões sobre o ensino de literatura e língua portuguesa no Brasil, o primeiro número da revista *Linha d'Água*. Publicada pela APLL - Associação de Professores de Língua e Literatura do DLCV / FFLCV / USP (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo), a primeira edição da revista veio a público como boletim do 2º Encontro de professores de Língua e Literatura, ocorrido no período de 23 a 26 de agosto de 1979. Com a presença de aproximadamente 250 professores dos três graus do ensino (1º, 2º e 3º graus) e de alguns alunos de graduação em Letras, o encontro deu margem a grandes debates com realizações de Simpósios e discussões em pequenos grupos. Através dos debates realizados nesse encontro, concluiu-se o quão é importante sociabilizar as discussões dirigidas ao ensino da Língua e da Literatura no processo educacional do país, assim como, de que maneira está sendo conduzida a formação e a atuação do professor na área do ensino.

Apesar dos esforços dos colaboradores da revista, a publicação da mesma não se fez em intervalos regulares, principalmente, devido à falta de recursos financeiros. Deste modo, as publicações variaram com intervalos de 1 a 3 anos, sendo que, nos números 4, 5 e 6, nem sequer foram apresentados o ano e o mês das publicações. Essa falta de referência indica não só a complexidade que existe em se manter um periódico, mas também a falta de experiência por parte dos organizadores, ou seja, é explícito nesse ponto, o tom de amadorismo dos mesmos. A análise feita neste parágrafo, diz respeito aos 8 primeiros periódicos já indexados que correspondem aos números da década de 80 e 90, visto que, ocorre uma grande distância de

tempo entre uma publicação e outra. Em princípio a revista deveria ser editada de seis em seis meses, todavia, devido às dificuldades, atualmente, a mesma consiste em uma publicação anual.

Em se tratando de aspectos estéticos, o primeiro fascículo não traz nada de especial. Com uma capa em tom pardo, com letras em preto e em tamanho 15,5 x 23cm, a revista evidencia um aspecto de um tímido começo. Somente a partir do fascículo seis, a revista começou a ter capa e tamanho padronizado. Todos os números que sucederam tiveram apenas alterações na cor da capa, com permanência no tamanho de 14 x 20,5cm, padrão esse, utilizada até nos dias atuais.

A revista não possui uma quantidade exata de artigos. Os artigos, dispostos nos periódicos, variam entre 8 a 17, percorridos ao longo de, mais ou menos, cem páginas. Em caso de edição especial, o número de páginas sobe para em torno de duzentos.

Em relação às seções, o periódico passou por algumas variações no que diz respeito ao “nome” da seção, ou seja, a mesma seção teve vários títulos até se chegar ao definitivo e atual. Como exemplo, há a seção de relatos, na qual foi apresentada ao longo das publicações como “Experiência de Ensino”, “Relatos de Experiência” e a atual “Diário de Classe”. As seções fixas da revista são: Editorial, geralmente traz um panorama dos assuntos que serão tratados no periódico; Artigos, maior parte composto de ensaios ligados à área do ensino de Língua e de Literatura; Relatos de Experiência, depoimentos de experimentos realizados nos três graus do ensino; Entrevista, seção que traz reportagem de um autor ou educador renomado; e por fim, os Inéditos, constituídos de poemas e contos dos associados ou dos colaboradores. No decorrer das publicações foram introduzidas novas seções, tais como: Resenhas, Polêmicas, Teses e Projetos. Além das seções já citadas, o periódico, por ser uma publicação da APLL, publica em determinadas edições, os documentos e estatutos aprovados em assembléias que trazem à tona as determinações e os anseios deste grupo.

De acordo com os dados das revistas indexadas, as mesmas são compostas em sua maioria por 40,95% de ensaios, 24,10% de depoimentos, 7,23% de entrevista ou poemas e 7,22% de resenhas. O periódico recebe apoio dos colaboradores, em grande parte dos próprios professores doutores e mestres da própria Universidade de São Paulo, entretanto, além destes, também colaboram professores de diversas instituições dos três graus de ensino.

Terminada a breve apresentação e descrição da revista, faz-se necessário abordar o tema central desta comunicação: as finalidades da revista *Linha d'Água* ao ensino de literatura.

Partindo do pressuposto que a APLL, através da revista *Linha d'Água*, tem por objetivo incentivar a docência a refletir sobre os rumos do ensino de literatura e de seu impacto na formação crítica e científica do aluno, faz-se interessante observar como isso é retratado no periódico.

De acordo com as revistas já analisadas, é observável a presença recorrente de artigos e resenhas relacionados à literatura infantil. Isto é uma evidência concreta de que os organizadores da revista não estão, somente, interessados em trabalhar com críticas de obras de autores renomados, mas também com os pequenos aspectos da chamada literatura infanto-juvenil. Dentro desta categoria, os temas analisados são principalmente de fatores ideológicos e discriminatórios que estão inseridos nos livros supostamente destinados às crianças. Segundo Maria Helena Martins¹, a literatura infantil, em geral, é produzida para o público adulto e não para a criança, pois é o adulto que irá selecionar o livro, e o fará de acordo com seus valores e visão de mundo. Todavia, o livro escolhido nem sempre atende os anseios da criança, e muitas vezes torna o ato de ler um castigo e não um prazer.

Seguindo a incoerência existente entre o livro literário infantil e o público consumidor, ainda existe a problemática da mercantilização do mesmo, ou seja, o livro não é mais julgado pela sua arte da expressão escrita, mas pela lei do mercado editorial e dos interesses das próprias

instituições de ensino. Mostra-se, assim, a fraqueza da arte literária perante a chamada *indústria cultural* que domina a sociedade capitalista. Essa mercantilização, ao mesmo tempo em que coloca a disposição do público uma quantidade grande de livros, não está preocupada com a qualidade dos mesmos. Nesta perspectiva, os livros deixam de ser algo original e criativo e passam a ser um mero produto padronizado, que por sua vez obedecem aos ditames do consumo cujas características são encontradas na insistência de se manter os mesmos tipos de enredo e personagens nos livros infantis.

Partindo para outros aspectos dirigidos ao ensino de literatura, dentre os diversos artigos referentes ao ensino do mesmo, o artigo “Sociologia e Literatura”, de Walnice Nogueira Galvão² pode ser considerado um dos mais importantes. Neste artigo, a autora coloca em questão a preferência docente em explicar um texto literário à luz da Sociologia. Segundo Walnice, os professores tendem a buscar na Sociologia não, somente, a contextualização do texto literário, mas também a explicação simplificada do mesmo. Ao fazer isso, o educador não só desvaloriza o texto como sendo literário, mas acima de tudo, condena-o como um mero produto de fator social. Todo o valor do texto como arte, o seu valor semântico, lingüístico, juntamente com a criatividade individual é colocado em segundo plano ou simplesmente descartado em nome de uma conjuntura social da época. Será que o próprio texto literário não é capaz de sugerir um entendimento próprio?

Considerando a Arte literária como fonte que provoca diversas interpretações, e devido a isso se difere de outros textos, é incoerente que a mesma seja reduzida a explicar, somente, fatores sociais, desprezando, assim, os valores e os recursos da própria Língua utilizadas para escrever um texto literário. Cabe, aqui, as palavras de Pierre Bourdieu:

Não há melhor atestado de tudo que separa a escrita literária da escrita científica do que essa capacidade, que ela possui exclusivamente, de concentrar e de condensar na singularidade concreta de uma figura sensível e de uma aventura individual, funcionando ao mesmo tempo como metáfora e como metonímia toda a complexidade de uma estrutura e de uma história que a análise científica precisa desdobrar e estender laboriosamente³.

Não pretendo nesta comunicação, excluir o fator social envolvido em uma produção literária, mas sim, valorizar o texto literário como uma expressão artística, com seus valores e suas características próprias de análise.

No ensino, o texto literário deveria ser o caminho para despertar uma visão mais aguçada dos educandos no que diz respeito ao jogo de idéias, da linguagem, dos recursos utilizados pelo autor para prender o leitor, e não como um mero exemplo para explicar estruturas gramaticais ou relembrar o momento histórico em que uma obra foi escrita. O próprio texto deveria ser a fonte principal de análise do aluno. As respostas deveriam partir do texto, primeiramente, e não do seu contexto.

Talvez, o reflexo causado por essa visão restrita ao ensino de literatura esteja explícita na dificuldade dos alunos em lidar com textos literários. Grande parte dos educandos são capazes de detectar um fator social envolvido em um texto literário devido ao conhecimento prévio de seu contexto, todavia, se são expostos a um texto literário de forma isolada, não são capazes de perceber os recursos, da Língua, utilizadas pelo autor, pois estarão cegamente buscando uma explicação externa ao texto, que nem sempre trará todas as respostas necessárias e muito menos será idéias coerentes ao que foi proposto pelo texto.

Cabe, aqui, refletirmos até que ponto uma outra ciência é capaz de ajudar no desvendamento de um texto literário e até que ponto os educadores devem absorver essa idéia no ensino de literatura, de modo que não supervalorizem o contexto social ou que caiam na perspectiva proposta pelo mercado cultural. A tarefa não é de fácil decisão, mas cabe aos agentes do ensino repensarem sobre a real finalidade do ensino de literatura, principalmente no ensino fundamental e médio, cujas fases são de suma importância para a formação do leitor crítico e científico.

Notas

¹ MARTINS, Maria Helena. O adulto e a criança em face da leitura infantil, São Paulo, nº1, p. 13-19, jan., 1980.

² GALVÃO, Walnice Nogueira. Sociologia e Literatura, São Paulo, nº1, p. 3-6, jan., 1980.

³ BOURDIE, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 39.